



De autor a editor: a trajetória de Martins Filho e as relações entre intelectuais e Estado no Ceará (1937-1955)

No Ceará, ao final da década de 1930 começou a se formar um grupo de intelectuais que podem ser vistos como bastante ativos tanto na produção intelectual quanto na atuação política. Formado principalmente por sujeitos nascidos após 1900, esse grupo representava não somente a ascensão ao poder por meio da política, mas a ocupação de lugares dentro de órgãos de Estado se mostrou como o principal objetivo nas trajetórias analisadas. Com raros casos entre os identificados do grupo, a grande maioria desses intelectuais seguiu carreira no Estado sem ocupar cargos no legislativo ou executivo. Em sua maioria magistrados, médicos e engenheiros, eles já possuíam significativa produção sobre o Ceará, mais que ainda se restringia aos ambientes e às publicações das principais agremiações de intelectuais da época: Academia Cearense de Letras (ACL) e o Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará (Instituto do Ceará).

Ao lado disso, pode-se citar o aumento no número de Instituições de Ensino Superior no Ceará a partir dos primeiros anos do século XX; a consolidação do romance regionalista, ou romance de 30; e a expansão do mercado editorial do Fortaleza. Entre 1900 e 1950 foram criadas 6 IES em Fortaleza – Faculdade de Direito (1903), Faculdade de Farmácia e Odontologia (1916), Escola de Agronomia (1918), Faculdade de Ciências Econômicas (1938), Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943) e Faculdade de Medicina (1948) – deslocando para a capital cearense a possibilidade de formação acadêmica, o que antes se fazia em Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. O crescente número de autores do Norte (ou do que viria a ser o Nordeste) publicando literatura com temáticas voltadas para o ambiente regional permitiu que o foco sobre esse espaço fosse ampliado. A empreitada para a construção de uma imagem e de uma geografia sobre o Nordeste enquanto aparte do Norte estava se fortalecendo. Arelado a todos os fatores comentados, pode-se elencar a expansão do mercado editorial em Fortaleza. O mercado de edições estava em crescimento desde o final da década de 1920 e se manteve assim ao longo das três décadas seguintes. O lugar de protagonismo que autores como Raquel de Queirós, Djacir Menezes, Leonardo Mota e Gustavo Barroso conseguiram, juntamente ao crescimento na taxa de alfabetização e o

aumento no número de IES fez com que o mercado de edições local se tornasse possível.

Sem esquecer as relações que se estabeleciam entre essa intelectualidade, os editores e o Estado, a ideia de momento propício para a dita expansão do mercado editorial não pode ser atribuído somente ao volume na produção intelectual e ao momento político do país. As relações entre esses agentes eram bastante próximas. A incorporação de intelectuais nos órgãos de Estado, o *boom* editorial e o estreitamento das relações entre editores e Estado deve ser levado em consideração. Gustavo Sorá¹ tratou desse estreitamento por meio da etnografia feita por ele sobre a Editora José Olympio, apontando que isso não se deu unicamente com as edições de obras de políticos, mas com a criação de programas que passaram a gerar renda para esse grupo que estava ocupando significativo espaço dentro das elites dirigentes brasileiras.

A década de 1930 foi um período em que se consagraram importantes autores para a literatura e para o pensamento social brasileiro, mas que também consagrou grandes empresários do ramo editorial, os quais se tornaram peças-chave no mercado livresco do país e nos rumos que as políticas públicas voltadas para a edição de livros tomaram.

No Ceará da década de 1930, as relações entre intelectuais e Estado também não era algo novo, mas a atuação de um grupo que se formou a partir do Instituto Histórico e da ACL se mostrou em certa medida diferente daquilo que ocorria anteriormente. Esses agentes buscaram estender o seu domínio para além da escrita, constituindo editoras, inserindo-se em instituições de ensino, em agremiações de intelectuais e em órgãos de Estado, sem atuar diretamente – na maioria dos casos – na política por meio de cargos legislativos ou executivos.

A trajetória aqui analisada foi a de Antônio Martins Filho² e isso se fez principalmente por meio da problematização de seus livros de memórias e seus escritos

¹ SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

² Advogado, proprietário da Editora Fortaleza, proprietário do Colégio Padre Champagnat, professor do Liceu do Ceará. Membro do Instituto Histórico do Ceará, da Academia Cearense de Letras, do Rotary Club de Fortaleza, da Associação Cearense de Imprensa. Membro de importante família do Cariri cearense, mas em decadência financeira desde a sua infância. Formou-se em Direito no Piauí, chegando a Fortaleza em 1937, momento em que seus irmãos, Francisco Martins e Cláudio Martins estavam estabelecidos na capital e ocupavam cargos em duas secretarias estaduais. Ressalta-se aqui não somente

sobre a sua trajetória enquanto fundador e reitor da Universidade Federal do Ceará, entrecruzando outras fontes. Nesse sentido, busca-se localizar o Ceará e o referido grupo de intelectuais que se organizou nesse período com o objetivo de identificar em suas trajetórias como se deram essas relações com o Estado. Amparando-se basicamente no trabalho empírico que Pierre Bourdieu produziu sobre Manet e a revolução simbólica empreendida por ele³ e nos cursos por ele proferidos *Collège de France*⁴ entre 1989 e 1992, pretendeu-se fazer uma análise pretensamente biográfica (com as devidas limitações temporais e de dimensão do presente esforço de escrita) que buscasse atentar para a trajetória de Martins Filho para além daquilo que ele mesmo e outros agentes construíram.

O papel de centralidade conquistado por Martins Filho dentro da intelectualidade cearense foi aqui analisado na intenção de perceber os meandros e as entrelinhas desse percurso individual “bem sucedido”. Mais do que a competência, a capacidade de trabalho e a formação acadêmica, havia também as relações por ele estabelecidas dentro da sociedade cearense (e mesmo brasileira) que tiveram grande influência nesse caminho por ele percorrido. Desse modo, buscou-se esmiuçar a trajetória de Martins Filho se atentando para a sua formação acadêmica, o lugar ocupado por ele no campo intelectual de Fortaleza, as atividades por ele exercidas, suas relações familiares, os caminhos que permitiram a sua inserção no Estado, as amizades que possibilitaram o encurtamento de processos, entre outros elementos. Concentrando-se no período entre a chegada de Martins Filho em Fortaleza e a segunda incursão para a criação de uma universidade no Ceará (1937-1955), fez-se um breve apanhado dos caminhos por ele trilhados até a sua escolha para ocupar o cargo de reitor da então Universidade do Ceará.

as trajetórias, mas como esses agentes estavam inseridos na dinâmica intelectual e estatal, como aquele perfil de intelectual membro de família que tivera posses e estava em decadência se pode perceber aqui (MICELI, 2001).

³ BOURDIEU, Pierre. Manet, une révolution symbolique. Cours au Collège de France (1998-2000). Paris: Raisons d’Agir/Seuil, 2013.

⁴ BOURDIEU, Pierre. Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Da seguinte forma Martins Filho abriu o capítulo *Minha terceira cidade adotiva* de seu livro de memórias:

A notícia de minha decisão de mudar-me de Caxias para Fortaleza repercutiu com muita velocidade, entre os membros da família de minha mulher.

Uns consideraram a minha atitude muito correta, pois que, num meio mais evoluído, as minhas possibilidades de prosperar, sob o duplo aspecto material e intelectual, seriam bastante amplas.

Outros, no entanto, consideravam o meu propósito um pouco precipitado. Iria começar vida nova, num meio para mim praticamente estranho, no qual contaria somente com as pessoas da minha família, ainda não muito conhecidas numa cidade onde as competições assumiam proporções incalculáveis.⁵

Ao chegar a Fortaleza em 1937, vindo de Caxias, no Maranhão, Martins Filho não desembarcaria na capital do Ceará em total desamparo, nem dependendo apenas dele mesmo. Ao longo do mesmo capítulo ele caracterizou a situação em que se encontravam os membros de sua família. No momento de sua chegada dos cinco irmãos, três trabalhavam no Estado: Cláudio Martins era Oficial de Gabinete do então Secretário da Fazenda; Francisco (Fran) Martins era Secretário da Imprensa Oficial do Estado; e Eulália Martins era funcionária do Departamento de Obras Públicas, “então dirigido pelo engenheiro Paulo Ferreira e secretariado pelo nosso bom amigo João Jacques Ferreira Lopes, que havia possibilitado aquele emprego à minha irmã”⁶. Além desses cargos ocupados, Fran Martins e José Martins D’Alvarez eram bem conhecidos nos meios literários da cidade, inclusive tendo livros editados no Rio de Janeiro, como o caso de Fran Martins. Ou seja, Martins Filho não chegou a Fortaleza e encontrou um meio tão estranho quanto ele havia qualificado. Percebe-se a intenção de se revestir da competência e do esforço próprio como o responsável pelas conquistas, mas não só disso se fazia possível a inserção na sociedade fortalezense, os capitais sociais foram acionados em diversos momentos ao longo da trajetória de Martins Filho.

Aos poucos os amigos de seus irmãos, ou mesmo alguns velhos conhecidos do Crato foram sendo acionados e permitindo que Martins Filho conhecesse outras pessoas. Por meio de Romeu Martins e de Thompson Bulcão ele foi inserido no Café Globo, importante ambiente de convivência política e intelectual de Fortaleza. Mas o primeiro emprego em Fortaleza viria com o auxílio de Fran Martins que foi um dos

⁵ MARTINS FILHO, Antônio. Memórias: maioridade. Tomo I. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993. p.163.

⁶ Idem. p. 169.

responsáveis pela entrada de Martins Filho no Liceu do Ceará, conforme ele narrou: “o meu irmão Fran, valendo-se de sua amizade com Nadir Teixeira, secretária do Secretário do Interior e Justiça, Dr. Andrade Furtado, conseguiu para mim a função de professor de Economia e Estatística do Curso Pré-Jurídico do Liceu do Ceará”⁷. O que mais adiante ele narra esse momento como sendo pego de surpresa, posto que ele tinha a formação acadêmica em Direito, mas os seus conhecimentos sobre Economia e Estatística não eram dos mais amplos, mas como ele mesmo escreveu: “preciso deste emprego; seja o que Deus quiser”⁸. Ou seja, Martins Filho tinha a formação, mas não deveria ser designado para ocupar esse cargo, tendo em vista a sua não qualificação para tal, pensando num contexto em que prevalecesse somente o capital cultural.

Martins Filho se tornou professor da principal escola secundária do Ceará por meio do acionamento do capital social advindo das amizades e relações que seu irmão, Fran Martins, havia estabelecido no Estado. Do Liceu do Ceará era possível entrar em contato com os alunos que futuramente estariam ocupando as cadeiras das principais IES da cidade, bem como com os professores, tendo em vista o prestígio da instituição e do quadro docente que dela era parte. O raio de atuação de Martins Filho e o alcance das suas relações estavam se alargando, o terreno para a sua atuação intelectual e editorial estava sendo preparado por meio dessas ações.

No mesmo ano em que se tornou professor do Liceu, 1938, Martins Filho adquiriu a Editora Fortaleza. Segundo ele, o ramo editorial era quase inerente a sua pessoa, tendo em vista que seu primeiro emprego foi como assistente de tipografia na *Gazeta do Cariri* aos onze anos. Entra em jogo nessa afirmação tanto a memória quanto a teleologia. Atribuir o fato de ter se destinado a comprar a Editora a uma predisposição identificada na infância é dar ao caminho percorrido entre os 11 anos e os 34 um caráter teleológico. Ao mesmo tempo é também uma organização mnemônica que privilegia o olhar do momento presente da escrita sobre o acontecido no passado, imputando-lhe aspectos que não estavam em discussão naquele momento, principalmente quando se confronta com o fato de Martins Filho ter mantido a sua atividade de editor até o final

⁷ Ibid. p. 207.

⁸ Ibid. p. 208.

da vida. Identifica-se o objetivo de mostrar a sua predisposição ao sucesso enquanto editor ao fato de ter atinado para essa atividade desde a infância.

Ao passo que Martins Filho objetivava construir essa imagem de um editor quase nato, ele também ia expondo o quanto a atividade editorial permitiu e abriu caminhos para a sua atuação intelectual e a sua maior inserção no Estado. Por meio da Editora Fortaleza foi possível o primeiro contato, segundo o próprio Martins Filho, entre ele e Raimundo Girão⁹. Desse contato se firmaria uma amizade que abriria muitos caminhos para Martins Filho, pois foi Raimundo Girão quem o apresentou aos membros do Rotary Club de Fortaleza e aos do Instituto do Ceará e quem também facilitou a sua inserção nesses grupos.

Martins Filho estava se inserindo em diversos campos de atuação, ao entrar no Rotary Club ele pôde se aproximar de um seleto grupo de empresários e comerciantes de Fortaleza. Ao fazer parte do Instituto do Ceará, a partir de 1943, ele ampliou ainda mais o seu raio de contatos dentro dos meios intelectuais da cidade. Bastante próximo daquilo que Gustavo Sorá constatou na pessoa de José Olympio, as amizades eram bastante importantes para Martins Filho, tanto pela sua narrativa constantemente remetida a algum agente que lhe auxiliou, quanto pelas repetidas reafirmações de apreço e estima por esses agentes, como uma espécie de gratidão e reconhecimento. Reconhecimento também de que o lugar conquistado não fora obra somente da sua disposição e competência, mas também das estreitas e amistosas relações estabelecidas.

Em 1939, foi editado o livro *O Ceará*, organizado por Raimundo Girão e Antônio Martins Filho e publicado pela Editora Fortaleza. Parte dos envolvidos nessa publicação se consolidou como repositório da escrita sobre o Ceará, mas diferentemente de outros intelectuais anteriores, essa escrita se pretendia técnica, mais próximo de algo científico, amparado tanto na formação desses agentes, quanto nos espaços por eles ocupados.

⁹ Advogado, professor da Faculdade de Direito do Ceará, fora nomeado prefeito de Fortaleza ocupando esse cargo entre 1933-1936. Membro do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará (Instituto Histórico), da Academia Cearense de Letras e do Rotary Club de Fortaleza. Membro de importante família do município de Morada Nova, cujas condições financeiras entraram em decadência durante a infância de Girão. Seu tio, Eduardo Girão, exercera o cargo de governador do Estado do Ceará e outros membros da família também exerceram no Estado.

Este livro é um documentário. Um repositório de criteriosos estudos e valiosas informações que fotografam o Ceará com precisão e nitidez.

Poderia ter-se denominado retrato do Ceará.

Foi ideado (sic) e elaborado com o objetivo de fazer melhor divulgação e propaganda honesta da terra, do homem e das coisas cearenses, afim de afastar conceitos defeituosos e corrigir apreciações errôneas, decorrentes do desconhecimento da sua realidade.

Com a publicação desta obra, conseguida a troco de muitos esforços, possibilita-se uma visão de conjunto capaz de mostrar, pelo menos nos aspectos mais gerais e indispensáveis (sic), a verdadeira fisionomia do heroico Estado nordestino.¹⁰

O trecho citado é parte da apresentação do livro e se pode perceber que os seus autores buscavam se inserir no campo em que se gestavam os referenciais sobre o país, sobre o Nordeste e sobre o Ceará. Não se sabe de certo se era um posicionamento contrário ou não àquela imagem forjada por Freyre ou pela literatura regionalista que também despontou na década de 1930, no intuito de qualificar o Ceará para além da seca e de expor mais uma imagem do Nordeste, que não era a da cana ou do massapê de Gilberto Freyre, nem a do misticismo ou do banditismo, tão ressaltada na obra *O outro Nordeste* de Djacir Menezes, também de 1937. De todo modo, é possível afirmar que *O Ceará* não estaria diretamente conflitando, mas sim buscando ocupar um espaço dentro da significativa produção intelectual sobre o Brasil. Enquanto que os intelectuais que estavam entre o Rio de Janeiro e São Paulo punham-se a produzir sobre o Brasil, ou pelo menos parte de um Brasil, aqueles que estavam fora desse círculo se revestiram de uma autoridade “natural” e geográfica para tratar do seu contexto mais específico. Tanto como uma forma de ocupar um lugar, quanto com o objetivo de que se alguém vai produzir sobre o Ceará, que sejam intelectuais cearenses. Esse papel do “intelectual regional” pode ser percebido em algumas das correspondências entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, no qual o folclorista potiguar questionou ao amigo paulistano sobre que tema ele deveria se dedicar a produzir e pesquisar, Mário de Andrade o aconselhou a se dedicar sobre os temas da tradição e do povo potiguar e nordestino¹¹. Câmara Cascudo seguiu o conselho do amigo paulistano e se tornou referência nacional sobre o folclore nordestino.

¹⁰ GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939. p. Folha de rosto.

¹¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

Ou seja, pensar o seu lugar, a sua terra era uma forma de atuação intelectual destinada às ditas periferias¹². Ao passo que se questiona o próprio lugar ocupado por essas “periferias”, tendo em vista a centralidade que os temas oriundos desses lugares tiveram com as obras de Raquel de Queirós, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros. Além dessa discussão entre central e periférico, o que se percebe é a ocupação desses espaços de Estado por intelectuais que se puseram a escrever sobre os seus Estados não ocorreu somente com o objetivo de demarcação de território e afirmação de uma autoridade, mas como parte desse projeto de Estado autoritário que se consolidava e intentava controlar e produção e difusão sobre os temas referentes ao Brasil.

Segundo Martins Filho, *O Ceará* deveria ser “um trabalho bem volumoso, sem a clássica abordagem da seca, da miséria, do subdesenvolvimento, já exageradamente explorada nos âmbitos regional e nacional”¹³. Ou seja, a intenção era de forjar mais uma imagem sobre o Ceará e de maneira volumosa, com o objetivo de dar peso à edição. Analisando o objeto em si, a primeira edição de *O Ceará* constava com 470 páginas, 76 capítulos temáticos, 81 capítulos destinados aos municípios do Estado, 21 autores, com uma tiragem de três mil exemplares. Um livro que media 27,5 cm de altura por 19 cm de largura, pode-se dizer que havia a intenção de impactar pela própria materialidade. Uma publicação bastante encorpada e uma tiragem relativamente grande de exemplares, principalmente quando se pensa num contexto estadual. Segundo Gustavo Sorá, a média de exemplares das edições que saíam pelas editoras do Rio de Janeiro ou São Paulo variava entre mil e dois mil no começo dos anos 1930¹⁴. É importante levar em consideração também que a edição de *O Ceará* foi possível também graças ao auxílio do Governo do Estado do Ceará e de diversas repartições e prefeituras. Essa edição foi obra também da aliança entre intelectuais e Estado. Interessava ao governo estadual criar uma nova imagem para o Ceará, uma imagem que expusesse as potencialidades do lugar, provavelmente na intenção de demandar recursos e investimentos que não fossem

¹² Não concordo com o termo, mas o utilizo aqui na intenção de crítica, posto que haviam centralidades variadas nos campos de produção intelectual brasileiro e essas posições externas ao eixo Rio-São Paulo não se colocavam obrigatoriamente em referência ou de acordo com o que se estabelecia nesses dois Estados.

¹³ MARTINS FILHO. Op. cit. p. 217.

¹⁴ SORÁ, Op. cit. p. 95.

destinados ao combate às secas. O discurso produzido e chancelado pela intelectualidade cearense a serviço do Estado.

Antes da publicação de *O Ceará*, a Editora Fortaleza lançou um periódico mensal, a *Revista Valor*, que teria o objetivo de “refletir o movimento brasileiro, nas Ciências, nas Letras e nas Artes”¹⁵. Circulando por quase dez anos, a *Revista Valor* figurava dentro das publicações de periódicos produzidos por editores. De acordo com Gustavo Sorá, ao passo que os editores iam ganhando espaço e dominando o mercado livreiro no Brasil, eles passaram a criar periódicos que serviam como meio de comunicação, divulgação e consagração nos meios literários. Em grande medida, isso impulsionou e fortaleceu bastante o papel dos críticos literários, que conquistaram um lugar de significativa importância no caminho entre a edição de um livro e a consagração de um autor. A *Revista Valor* buscou assumir esse papel, principalmente ao constar em seus números artigos de intelectuais conhecidos não só no âmbito local, mas também nacional, tais como Djacir Menezes, Clóvis Beviláqua, Brito Broca, entre outros. Martins Filho, enquanto editor alargou muito o seu alcance e sua influência nos meios intelectuais. Isso foi constatado por ele quando observou os baixos rendimentos da Editora Fortaleza no fechamento de 1939, mas o lucro em torno do capital simbólico foi bastante significativo.

Detendo-me na análise contábil daquele resultado, de logo observei que a revista Valor poderia ser apontada como sendo a responsável por aquela situação. As edições eram pequenas e cerca de um terço dos exemplares destinava-se aos colaboradores de jornais e revistas de Fortaleza e de outros pontos do País, anunciantes e membros de sociedades de cultura – tudo gentileza da Editora.

Fiz, igualmente, uma avaliação do lado positivo, de logo concluindo que, sem a Editora e não contando com a revista, obviamente eu não teria me relacionado tão rapidamente com intelectuais, professores e escritores do Ceará e, também, de diferentes pontos do Brasil, representando tudo isso um lucro imaterial que o dinheiro em espécie dificilmente conquistará.¹⁶

Entra em questão a baixa rentabilidade do ramo editorial, no que dizia respeito ao capital financeiro, mas ao mesmo tempo a rentabilidade de capital simbólico era bastante compensatória, tanto que a *Revista Valor* se manteve em circulação por quase dez anos.

¹⁵ MARTINS FILHO. Op. cit. p. 222.

¹⁶ Idem. p. 232.

A Editora Fortaleza, segundo Martins Filho, tornou-se um lugar de convívio entre intelectuais da época. De acordo com ele, a Faculdade de Ciências Econômicas, fundada por Djacir Menezes, teria sido projetada nas salas da Editora, intelectuais da época circulavam e de lá fizeram um ponto de encontro. Essa afirmação é vista aqui com certo estranhamento, tendo em vista a forte semelhança com o ambiente criado nas dependências da Editora José Olympio, no Rio de Janeiro. Segundo Sorá, lá estavam constantemente reunidos Raquel de Queirós, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e muitas vezes recebia a visita de políticos que tiveram suas obras editadas pela JO ou que tinham assuntos a tratar com o proprietário que emprestava o seu nome à empresa. Não se afirma que esse ambiente criado na Editora Fortaleza não existiu, mas se questiona a posição de protagonismo geográfico intelectual por ela assumida segundo seu proprietário.

A consolidação de Martins Filho na sociedade cearense se ampliava a cada ano, atuando como advogado dividindo escritório com Raimundo e Eduardo Girão (sobrinho e tio respectivamente), recaindo sobre ele grande parte do prestígio de ambos. Como proprietário da Academia de Comércio Padre Champagnat, uma escola voltada para o ensino técnico comercial, adquirida por ele em 1940. E como professor da Faculdade de Direito do Ceará, por meio de concurso em 1943. No caso do concurso houve a interferência indireta de Dolor Barreira ao comunicar sobre a vaga na cátedra, permitindo a preparação de Martins Filho para concorrer a essa vaga com mais antecedência e o auxílio nos assuntos referentes à elaboração da tese por parte de Andrade Furtado, o mesmo que havia aberto as portas para Martins Filho ter se tornado professor do Liceu do Ceará. Ou seja, as relações estabelecidas por Martins Filho dentro dos meios político e intelectual do Ceará em muito lhe renderam no que diz respeito a ocupar lugares dentro do aparato de Estado e a reafirmar a sua ocupação.

Em 1947, na ocasião da visita do então Ministro da Educação e Saúde Clemente Mariani a Fortaleza foi entregue a ele uma solicitação para a criação de uma universidade no Ceará com cerca de duas mil assinaturas e a partir desse momento Martins Filho foi escolhido para comandar as ações necessárias para tal empreendimento. Sua escolha se deu em uma reunião entre ele e o então governador Faustino de Albuquerque a qual Martins Filho atribuiu a essa ação como sendo por falta

de outra pessoa que se colocasse à frente¹⁷, mas se pode afirmar que essa escolha não se deu de maneira aleatória. A posição que Martins Filho ocupava no momento em que as atividades para a criação de uma universidade era de significativa relevância, conforme foi descrito aqui.

A pelega em prol da criação dessa instituição se alongou até 1949, quando desavenças entre os estudantes e professores da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito, entre eles Martins Filho, e o então governador resultaram na interrupção dessa empreitada. Vale ressaltar que nesse ínterim estava também um desentendimento de cunho pessoal e profissional. Segundo Martins Filho, circularam boatos de que era de interesse de Faustino da Albuquerque nomear o seu filho, Valmick de Albuquerque, para o cargo de reitor da universidade que seria criada.

Se esse era o pensamento do Governador, não poderei afirmar, podendo, no entanto, informar que ele nunca me dirigiu uma palavra sobre o assunto. Aliás, jamais pensei em exercer qualquer cargo de natureza administrativa, nem mesmo o de Reitor, na projetada Universidade Estadual. As minhas ocupações eram muitas e a minha banca de advocacia havia concentrado uma clientela selecionada e que me possibilitava o patrocínio de causas importantes e, portanto, satisfatoriamente remuneradas. Eu desejava, acima de tudo, enfrentar aquele desafio do Ministro Clemente Mariani, para demonstrar que, se dependesse de trabalho, a Universidade que pleiteávamos teria forçosamente de ser conquistada.¹⁸

A justificativa dada por Martins Filho para não ter o objetivo de se tornar reitor seria a de abundância financeira, mas se pôde perceber que o agente em questão não tinha afeição apenas ao prestígio advindo do capital financeiro. Não se sabe se esse boato interferiu diretamente na atuação de Martins Filho para a criação da universidade nesse momento, mas se pode dizer que os capitais sociais adquiridos por ele não foram suficientemente ativados e fortes para que ele garantisse o cargo de reitor.

Diferentemente do que ocorreu em 1954, na nova empreitada para a criação de uma universidade no Ceará. Após a assinatura da lei 2.373 de 16 de dezembro de 1954, que criou a Universidade do Ceará sob a tutela do governo federal, iniciaram-se as atividades para dar corpo à instituição. Entre as primeiras mediadas a serem tomadas estava a formação de um Conselho Universitário e a votação para a formação da lista tríplice com os nomes a serem escolhidos pelo então presidente da república para

¹⁷ Idem. p. 295-308.

¹⁸ Idem. p. 311.

ocupar o cargo de reitor. Iniciou-se uma disputa interna a respeito do nome a ser escolhido pelo presidente para a Reitoria. Nessa disputa estavam Martins Filho e João Otávio Lobo¹⁹. Nesse meio interveio uma figura de grande importância, o então governador Paulo Sarasate, recentemente eleito pela UDN (União Democrática Nacional).

A essa altura dos acontecimentos, fui surpreendido, num dia de domingo, por uma mensagem do governador Paulo Sarasate, recomendando-me comparecer ao Náutico Atlético Cearense, antes das 20 horas e ali permanecer até que chegasse o Presidente Café Filho, a quem ele, Governador, iria apresentar-me. Atendi prontamente àquele alvitre, que me pareceu duplamente promissor.

[...] Quando chegou a vez de minha apresentação, declarou o Presidente que já me conhecia como professor e como jornalista, esboçando aquele sorriso de homem bom e simples que lhe era característico.

A partir de então, considerei-me tacitamente o candidato do Governador do Estado do Ceará ao cargo de Reitor da Universidade.²⁰

Havia nessa atitude de Paulo Sarasate a intenção de barrar a influência do PSD na Universidade do Ceará, tendo em vista o seu desacordo em relação a esse partido e à figura de Otávio Lobo. Vale ressaltar que a relação entre Martins Filho e Paulo Sarasate não era tão distante. Um elemento que Martins Filho não apontou era o fato de terem sido vizinhos quando ele morou na Rua Assunção, no centro de Fortaleza.

Num bangalô bastante apresentável, residia Paulo Sarasate Ferreira Lopes, que entrava em casa sem cumprimentar ninguém. Parecia permanentemente zangado e andava bastante ligeiro, dando a impressão de que não desejava se aproximar das pessoas comuns que movimentavam aquela rua barulhenta em que ele e sua mulher moravam. Paulo Sarasate, mesmo antes de casar-se com dona Albanisa Rocha, era muito amigo do meu irmão Martins D'Alvarez. Não obstante, durante os anos em que residi na Rua Assunção, só recebi a sua visita duas vezes: primeiramente, quando fui aprovado no concurso para professor Catedrático Vitalício da Faculdade de Direito. Depois, quando meu filho Murilo concluiu o curso ginásial no Colégio Lourenço Filho, de que era co-proprietário, o Paulo e a Senhora nos deram o prazer de uma rápida visita, para cumprimentar seu ex-aluno.²¹

Além do interesse político da parte de Sarasate, havia também a proximidade com Martins Filho. Diferentemente do que ocorreu em 1949, em 1955 Martins Filho foi nomeado reitor da Universidade do Ceará se mantendo no cargo por mais três mandatos, até 1966. Evidenciou-se aqui não somente a trajetória de Martins Filho desde sua

¹⁹ Deputado Federal pelo PSD (Partido Social Democrático) e professor da Faculdade de Direito do Ceará.

²⁰ MARTINS FILHO, Antônio. O Outro lado da história. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

²¹ MARTINS FILHO. Op. cit. 1995. p. 251.

chegada em Fortaleza até a sua nomeação para ocupar a Reitoria, mas como toda uma rede de capitais sociais, culturais e simbólicos se formou por meio das atividades empreendidas por ele e pelas relações e amizades estabelecidas. Não somente da formação acadêmica, do trabalho e da competência se formou a figura de Martins Filho.

É importante também levar em consideração que a posição de autoridade por ele conquistada, não só no sentido do lugar por ele ocupado no Estado, mas também no lugar ocupado por ele na construção das narrativas sobre ele mesmo e sobre a instituição a qual ele ajudou a fundar. Ao se colocar nesse papel de repositório do conhecimento e de construtor dessas narrativas ele controlou essa construção e imputou sobre ela suas intenções, mas no trabalho atento de análise desses escritos se puderam identificar os ditos desvios daquele sujeito ideal que se tornou bem sucedido por esforço próprio. Esses ditos desvios, por sua vez, não minimizam as ações de Martins Filho, nem desqualificam a sua trajetória, eles servem para percebermos o quanto as relações entre a intelectualidade e o Estado eram próximas, e que mesmo amparados no discurso e na chancela da formação acadêmica, esses agentes se beneficiaram da máquina estatal e do lugar de protagonismo por eles conquistado.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Manet, une révolution symbolique. Cours au Collège de France (1998-2000). Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. O Ceará. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939. p. Folha de rosto.

MARTINS FILHO, Antônio. O Outro lado da história. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

MARTINS FILHO, Antônio. Memórias: maioria. Tomo I. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993. p.163.

SORÁ, Gustavo. Brazilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.